

UM ESTUDO SOBRE A VARIAÇÃO TER E HAVER EXISTENCIAIS NA ESCRITA DE ALUNOS DOS ENSINOS FUNDAMENTAL E MÉDIO DA CIDADE DE MACEIÓ

A STUDY ABOUT THE VARIATION OF THE VERBS “TER” AND “HAVER” EXISTENTIALS IN THE WRITTEN LANGUAGE OF STUDENTS OF THE FUNDAMENTAL AND SECONDARY SCHOOL IN THE CITY OF MACEIÓ

Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória* (UFAL)

RESUMO: A partir da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 2008[1972]), realizamos um estudo sincrônico sobre o uso variável dos verbos *ter* e *haver existenciais* na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió, a fim de observar se há variação desses verbos no *corpus* analisado e, em caso afirmativo, como essa variação ocorre. De acordo com os resultados obtidos, constatamos que há variação *ter* e *haver existenciais* no *corpus* analisado e que essa variação é condicionada pelos fatores tempo verbal e escolaridade. Devido à relevância deste fator, procuramos demonstrar a importância da escolarização no uso de *haver existencial*, pois o acesso às regras gramaticais é determinante na escolha pelas variantes *ter* e *haver* com sentido de existir na língua escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística. Ter/haver existenciais. Escolaridade.

ABSTRACT: Assuming the Linguistics Variation Theory (LABOV, 2008 [1972]), we make a synchronical study on the variable use of the verbs “ter” and “haver” in the existential sense in the students’ written language of fundamental and secondary school in the city of Maceió. Our purpose is to observe if there is variation of these verbs in the *corpus* analyzed and, in the affirmative case, how this variation occurs. According the results obtained, we verify that there is variation in the use of “ter” and “haver” existentials and that the variation is conditioned by the following factors: verb tense and scholary. Because the relevance of this factor, we seek demonstrate the importance of the scholarization for the use of “haver” existential, since that the access to grammatical rules is crucial in the choose of variants “ter” and “haver” existentials in the written language.

KEYWORDS: Linguistic variation. “Ter/haver” existentials. Scholary.

* Mestre e doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: elyne.vitorio@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A língua como objeto social, variável e passível de sistematização constitui a maior contribuição da Sociolinguística para os estudos da linguagem. Ao adotar essa concepção de língua os estudos sociolinguísticos partem dos pressupostos de que há diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto com o mesmo valor de verdade e de que a variação linguística não é aleatória, mas sim condicionada por restrições linguísticas e sociais.

A análise da variação linguística, tarefa seminal da Sociolinguística laboviana, descreve os diferentes usos da língua pelos grupos que compõem a sociedade e explica como as mais distintas inserções individuais no meio social induzem a diferentes usos da língua, estabelecendo o padrão e o perfil de cada comunidade linguística.

Nesse contexto, analisamos o uso variável dos verbos *ter* e *haver* com sentido de existir na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió com o intuito de responder às seguintes questões: há ocorrências desses verbos nos textos escritos analisados? Supondo que haja variação, com que frequência *ter* e *haver* ocorrem no *corpus* estudado? Considerando a existência de variação, que fatores linguísticos e/ou sociais condicionam o uso de uma ou outra forma verbal?

O *corpus* utilizado para o desenvolvimento desta pesquisa foi coletado numa escola estadual da rede pública de ensino do estado de Alagoas, localizada na cidade de Maceió e é composto de 160 produções textuais, estratificadas de acordo com a escolaridade e o sexo dos informantes. Por trabalharmos como modelos matemáticos, utilizamos o pacote de programas Varbrul, responsável pela análise quantitativa dos dados, e a parti daí, fizemos a análise linguística dos dados.

Nosso trabalho está organizado da seguinte maneira: na seção 1, apresentamos uma breve exposição dos estudos sobre os verbos *ter* e *haver* em construções existenciais que possa contribuir para um melhor entendimento da variação em estudo; na seção 2, descrevemos e discutimos os resultados da variável dependente e das variáveis independentes tempo verbal e escolaridade, que foram selecionadas pelo Varbrul como estatisticamente significativas na variação em estudo, enfatizando a importância da variável escolaridade para o fenômeno em estudo; e na seção 3, procedemos as nossas considerações finais.

1 FENÔMENO EM ESTUDO

O uso de *ter existencial* em lugar de *haver existencial* para codificar a existência de alguém ou de alguma coisa é pouco discriminado e corrigido nas escolas. Normalmente, variações fonológicas e morfológicas (monotongação e ausência de concordância, por exemplo) tendem a ser bastante salientes, e, por isso, monitoradas mais acentuadamente dependendo da situação comunicativa. No entanto, o uso de *ter existencial* quase não é mencionado nas gramáticas normativas, ou quando mencionado, seu uso é descartado, principalmente na língua escrita.

O mais conhecido caso de conflito entre a explicação e a realidade é o da oração existencial. Insiste-se em assegurar, com os olhos abotoados, que **há homens** é exatissimamente o mesmo que **tem homens**. Só não se recomenda, como o pediriam a justiça e a coerência, o uso da segunda dicção por tão boa como a primeira. Na genuína oração existencial não há lugar nem para **possuir** nem ainda para **ter**. Levará sempre a marca de erro crasso a oração existencial na qual o discípulo, por ignorância ou inadvertência, puser **tem** por **há** (SAID ALI, 1957, p. 117).

Diferentemente da abordagem normativa, pesquisas linguísticas mostram que desde o Latim Clássico, os verbos *ter* e *haver* caminham paralelamente e que devido à perda da força expressiva do verbo *haver* a língua recorreu ao uso de *ter*, que gradualmente foi substituindo *haver* em estruturas de posse e em construções de tempos compostos e, atualmente, coocorre com *haver* em estruturas existenciais.

De acordo com Sampaio (1978), é no século XVI que o verbo *ter* invade a esfera da oração existencial que era privativa do verbo *haver*. A autora explica que tal invasão é justificada não só pela perda da força expressiva do verbo *haver* ao longo do tempo e pela semelhança semântica entre os dois verbos, como também pelo fato de *haver* confundir-se foneticamente no presente do indicativo com o artigo “a” e no perfeito com o verbo “ouvir”.

No século XVI [...] o verbo **haver** tinha perdido muito do seu sentido possessivo, sendo substituído por **ter** para indicar a posse de coisas materiais. A língua também preferiu o verbo **ter** para formar os tempos compostos; são cada vez mais raras as perífrases formadas com **ter** e participípio, indicando a posse e permanência de um estado. O processo de esvaziamento semântico de **haver** que se completou no século XVI, criou condições para que o verbo **ter** invadisse a esfera da oração existencial, que era privativa de **haver** (SAMPAIO, 1978, p. 20).

Franchi et al. (1998), em seu trabalho com dados do Projeto Nurc¹ - São Paulo, que representa uma mescla linguística em que a escolarização e a norma escolar constituem um fator social significativo na exclusão ou manutenção das formas gramaticais, mostram um

¹ Projeto da Norma Urbana Oral Culta.

percentual significativo no uso de *ter* sobre *haver* e *existir*. Os autores apontam que 50,98% usam o verbo *ter*, 25,87% preferem o uso de *existir* e 23,14% usam o *haver*.

Ao analisarem a variação *ter/haver existenciais* na fala culta carioca nas décadas de 70 e 90, Callou e Avelar (2000) mostram que a penetração de *ter* no campo de *haver* ainda não se completou – 69% de *ter* contra 31% de *haver*, embora o percentual de *ter* salte de 63% nos anos 70 para 76% nos anos 90, sugerindo assim uma mudança em progresso. Os autores apontam que, tanto em uma década como em outra, quatro fatores foram relevantes para a variação em estudo, a saber, tempo verbal, especificidade semântica do argumento interno, faixa etária e gênero.

Dutra (2000), ao analisar a variação *ter* e *haver* na norma culta de Salvador, não só mostra que o verbo *ter* é o mais utilizado com 61,9% das ocorrências contra 38,1% das do verbo *haver*, como também aponta que fatores linguísticos e sociais condicionam tal variação, a saber, animacidade do objeto, natureza concreta ou abstrata do objeto, modos e tempos verbais, posição do objeto, tipos de oração, tipos de registro, gênero e faixa etária. A autora também aponta que o uso de *ter* impessoal, na norma culta de Salvador, pode ser entendido como um processo de mudança em curso.

Duarte (2003), ao analisar amostras da fala não culta do Rio de Janeiro, observa que, na amostra de 1980, o verbo *ter* apresenta um percentual de 87% contra apenas 10% de *haver*, enquanto que na amostra de 2000, esse percentual muda para 91% de uso de *ter* contra apenas 6% de uso de *haver*. A autora chama a atenção para o fato de o verbo *haver* já não fazer mais parte do processo natural de aquisição da linguagem, pois na faixa etária 1 (7-14 anos), das duas amostras, não há ocorrências do verbo *haver existencial*.

Com a finalidade de descrever o perfil linguístico dos falantes de João Pessoa, Silva (2004) mostra que o total de ocorrências com *ter* e *haver existenciais* corresponde a um percentual de 90% dos casos com o verbo *ter* contra apenas 10% para o verbo *haver* e explica que tal variação é motivada pelo fator linguístico animacidade do SN objeto e pelos fatores sociais escolaridade, faixa etária e sexo.

Avelar (2005) explica que a variação *ter* e *haver* em sentenças existenciais é condicionada à faixa etária e ao nível de escolarização do falante, bem como ao tipo textual em que a sentença é realizada, ou seja, língua falada e língua escrita, e é “desencadeada pela ‘alimentação’ da chamada gramática periférica pelo processo de escolarização em oposição à gramática nuclear constituída no processo natural de aquisição da linguagem [...]” (p.1).

O autor mostra não só que, na língua falada, quanto mais velho o falante, menor o percentual de *ter*, embora esse percentual seja amplamente maior em todas as faixas

etárias e em todos os níveis de escolarização dos informantes, como também que o verbo *ter* é realizado em 87% das construções existenciais na língua falada, enquanto que na língua escrita esse percentual é de 14%.

Tais resultados são explicados pelo fato de o verbo *haver* ser uma variante de prestígio, sendo a forma preferida na língua escrita, ao passo que o uso do verbo *ter existencial* em tal modalidade, justifica-se apenas pela necessidade de se inserir entre os textos escritos elementos comuns da oralidade, tendo em vista que as ocorrências de *ter* aparecem, preferencialmente, na elaboração de diálogos entre narrador e personagem.

Avelar (2006) aponta que o uso de *ter* em contextos existenciais, na língua escrita, aparece com 8% entre os séculos XVI-XVIII, 22% no século XIX e 30% no século XX. O autor explica que esses dados apenas refletem o conservadorismo a que tende a língua escrita, não mostrando, de fato, o que realmente acontece na língua falada, em que o verbo *ter*, pelo observado até aqui, vem se saindo vencedor. Tal conservadorismo, pontua o autor, pode ser uma das explicações para a permanência do verbo *haver* em sentenças existenciais, levando-o a formular a hipótese de que o uso de *haver existencial* deve provavelmente estar condicionado ao processo de aquisição da língua escrita.

Vitório (2006), ao analisar a variação *ter* e *haver* na escrita de alunos de 5ª e 6ª séries do Ensino Fundamental da cidade de Maracanaú/CE, com o intuito de verificar a frequência de uso desses verbos no *corpus* em questão e de analisar se fatores linguísticos e sociais interferem no uso de *ter* e *haver*, não só apresenta que a frequência de uso de *ter* é amplamente maior do que a de *haver*, com um percentual de 89% dos casos para o verbo *ter* contra apenas 11% de uso de *haver*, como também mostra que tal variação é condicionada apenas pelos fatores linguísticos tempo verbal, tema do texto e animacidade do SN objeto.

A partir do que foi exposto, é possível perceber que apesar de não ser uma forma aceita pela tradição gramatical, o uso do verbo *ter* em construções existenciais não é um fenômeno estigmatizado pela sociedade, pois é utilizado por falantes de diferentes níveis de escolarização, sem causar preconceito linguístico e social. Esses resultados mostram que é notória a preferência dos falantes, sejam eles escolarizados ou não, pelo uso da variante *ter existencial*. O uso preferencial de *ter*, segundo Silva (2004), também é extensivo à mídia, a órgãos que requerem um estilo mais formal de linguagem e à própria instituição educacional que não discrimina tal emprego.

É a partir desses estudos e dessas observações que objetivamos analisar o uso variável dos verbos *ter* e *haver* com sentido de existir na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió. Nosso intuito é não só descrever as ocorrências

desses verbos em tal modalidade, tendo em vista que, na língua falada, o *ter* é o verbo amplamente utilizado em sentenças existenciais, como também ampliar o elenco de estudos linguísticos destinados à descrição da língua escrita e ao seu funcionamento.

Por esta razão, acreditamos que a descrição sociolinguística da variação *ter* e *haver existenciais* na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió explicitará e descreverá o uso desses verbos, tendo em vista que pouco se sabe sobre as ocorrências dessas variantes na modalidade escrita da língua.

2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Além da variável dependente *ter existencial* e *haver existencial*, controlamos sete grupos de fatores, definidos como variáveis independentes, a saber, tema do texto, tempo verbal, tipo textual, animacidade do SN objeto, natureza do SN objeto, escolaridade e sexo. Dessas sete variáveis, duas foram consideradas estatisticamente significativas para a variação *ter* e *haver* no *corpus* analisado: tempo verbal e escolaridade.

2.1 VARIÁVEL DEPENDENTE

Partindo do pressuposto de que o uso variável dos verbos *ter* e *haver existenciais* no *corpus* em estudo não é aleatório e sim condicionado por fatores linguísticos e sociais, analisamos um total de 108 ocorrências de *ter* e *haver* com sentido de existir. Dentre as 108 ocorrências totais de estruturas analisadas, obtivemos um percentual de 64% dos casos com o verbo *ter* contra 36% de uso do verbo *haver*, conforme ilustramos com o gráfico 1:

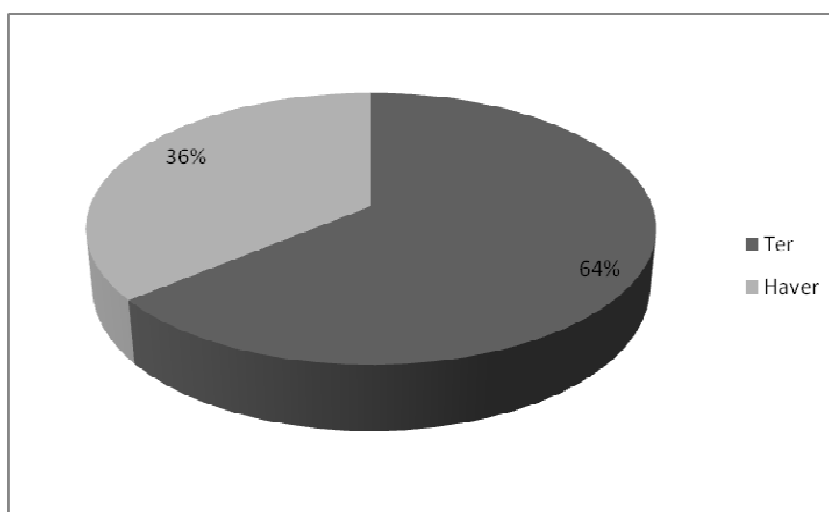


Gráfico 1: Total de ocorrências de *ter* e *haver* na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió/AL

(1) Mais fácil, porque *tem* pessoas que precisam da consulta da bula. (8N8L1F)²

(2) Há pessoas que se complicam na leitura da bula [...]. (8N12L7F)

Os dados obtidos não só indicam que há variação dos verbos *ter* e *haver* em contextos existenciais no *corpus* analisado, como também mostram que a frequência do verbo *ter* é maior do que a ocorrência de *haver*, contrariando, dessa forma, nossa hipótese de que sendo a língua escrita, por nós analisada, um discurso mais monitorado e, por isso, mais favorável ao uso da forma conservadora *haver existencial*, construções com o verbo *ter* ocorreriam em menor escala.

Esses resultados corroboram a afirmação de Franchi et al. (1998) de que a distribuição dos verbos em orações existenciais mostra o privilégio das construções com *ter* sobre *haver* e *existir*, e com os resultados das pesquisas sociolinguísticas sobre a variação *ter/haver existenciais*, que indicam que *ter* é o verbo mais utilizado.

2.2 TEMPO VERBAL

Para nossa análise, trabalhamos com os fatores tempo passado e tempo presente, e acreditamos que as formas verbais expressas no tempo passado são mais favoráveis à manutenção da variante *haver existencial*, não só por apresentar-se como uma forma mais marcada (SANTOS, 1999), como também por caracterizar-se como um verbo típico de narração (CALLOU; AVELAR, 2000), a exemplo de:

(3) *Havia* muitas pessoas no ponto quando um homem pegou uma arma e matou outro cara. (3N96L6F)

(4) Lá não *havia* confusão e nem bebidas alcoólicas. (3N107L15F)

Tempo verbal	Ter existencial Aplic./ Total/ Percentual	Haver existencial Aplic./ Total/ Percentual
Passado	31 / 55 56%	24 / 55 44%
Presente	38 / 53 72%	15 / 53 28%

Tabela 1: Resultados da aplicação de *ter/haver existenciais* no fator tempo verbal

² Os códigos apresentados entre parênteses, após os exemplos, referem-se às seguintes orientações de ordenação do *corpus*: um número (8 ou 3) representando 8ª série do ensino fundamental ou 3ª série do ensino médio; uma letra N seguida de um número que representam uma redação específica; uma letra L seguida de um número que representam a linha de ocorrência do fenômeno e, finalmente, uma letra (M ou F) representando o sexo do aluno. Por exemplo, a codificação (8N3L7M) nos diz que se trata de um texto produzido por um aluno da 8ª série, que foi ordenado na terceira posição, que a ocorrência do fenômeno se deu na linha sete e que o autor do texto é do sexo masculino.

De acordo com os nossos dados, observamos que o percentual de ocorrências de *ter existencial* realizado no fator passado é de 56%, enquanto que para o fator presente é de 72%. Já a percentagem de *haver existencial* é de 44% para o fator passado e 28% para o fator presente. Esses dados nos mostram que o verbo *ter* ocorre com maior frequência quando o verbo é expresso com o valor de presente.

(5) *Tem* uma mulher que rouba no centro. (8N42L2F)

(6) Em Maceió *tem* muita violência. (3N87L9M)

Analisando a aplicação de *ter existencial* no fator tempo verbal, obtivemos os índices de (.39) de ocorrências de estruturas existenciais para o fator passado e (.61) para o fator presente, conforme ilustramos com a tabela 2:

Tempo verbal	Aplic./ Total	Percentual	Peso relativo
Passado	31 / 55	56%	.39
Presente	38 / 53	72%	.61

Tabela 2: Resultados da aplicação do verbo *ter existencial* no fator tempo verbal

Esses resultados estatísticos confirmam nossa hipótese de que o tempo expresso com valor de presente é mais favorável ao uso da forma inovadora *ter existencial*, enquanto que o tempo passado é mais inibidor. Nossos resultados corroboram a afirmação de Callou e Avelar (2000) de que as construções no presente favorecem à ocorrência de *ter*, enquanto as no passado favorecem à ocorrência de *haver*.

2.3 ESCOLARIDADE

Tendo em vista que a escolarização constitui um fator social significativo na exclusão ou manutenção das formas gramaticais, selecionamos a variável escolaridade com o intuito de verificar se o uso dos verbos *ter* e *haver* em contextos existenciais é condicionado pelo nível escolar dos alunos. A teoria sociolinguística aponta que pessoas mais escolarizadas tendem a usar mais a forma padrão, havendo então uma correlação: maior escolaridade, maior uso das formas consideradas de prestígio, menor escolaridade, menor uso da forma padrão.

Assim, o estudo desta variável não só permite verificar o nível de consciência linguística do falante e a frequência de estilos variantes que há no sistema, como também explica o papel da escola na modificação do comportamento linguístico de uma comunidade.

Com relação ao uso variável dos verbos *ter* e *haver existenciais*, pesquisas sociolinguísticas (AVELAR, 2005; VITÓRIO, 2010) apontam que é possível afirmar que o verbo *haver* com sentido de existir já não faz mais parte do processo natural de aquisição da linguagem. A criança, nesse caso, só adquire tal construção durante o seu aprendizado escolar, ou seja, durante o processo de aquisição da língua escrita.

Em seu estudo sobre a *variação ter/haver na fala pessoense*, Silva (2004) mostra que os falantes com menos anos de escolarização são os que mais aplicam a variante inovadora *ter existencial*, ressaltando, dessa forma, que o acesso às normas linguísticas determina na escolha das variantes linguísticas.

Como as escolas, de um modo geral, primam pelo ensino da norma padrão e pelo uso das variantes de prestígio, Votre (2003) considera que a instituição escolar gera mudanças na fala e na escrita não só das pessoas que a frequentam, como também nas comunidades linguísticas dessas pessoas.

Cabe destacar e atribuir à escola um mérito nada desprezível: o de ser responsável por uma parcela relevante da tarefa socializadora que o uso de uma língua nacional, de prestígio, requer. A escola, sozinha, não faz a mudança, mas mudança alguma se faz sem o concurso da escola (VOTRE, 2003, p. 56).

O autor considera que para a pesquisa da variável escolaridade são necessárias algumas distinções presentes na dinâmica social em que interage a escola: forma de prestígio social; fenômeno estigmatizado e fenômeno imune à estigmatização; objeto de ensino escolar e os que escapam do ensino; fenômenos situados no nível do discurso e os que inserem no interior da gramática; o tipo de ensino – produtivo, descritivo e normativo; e, por fim, o ato comunicativo que se divide em fala e escrita.

Embora o uso de *ter existencial* não seja visto como um fenômeno estigmatizado pela sociedade, pois a todo momento encontramos falantes de diferentes níveis de escolarização fazendo uso de tal variação, sua utilização quase não é abordada pela instituição educacional, ou, quando abordada, sua possibilidade de uso se restringe à língua falada, sendo seu uso descartado na língua escrita.

Dessa forma, para a análise da variável escolaridade, trabalhamos com os fatores ensino fundamental (representado pela 8ª série) e ensino médio (representado pela 3ª série) e acreditamos ser este fator mais favorável à aplicação da norma padrão *haver existencial* do que aquele, ou seja, os alunos mais escolarizados utilizam mais o verbo *haver existencial*.

De acordo com a tabela 3, a percentagem de ocorrências com o verbo *ter existencial* realizada pelos alunos do ensino fundamental é de 79%, enquanto que para os alunos do

ensino médio é de 45%. Já a percentagem de ocorrências de *haver existencial* é de 21% para o ensino fundamental e 55% para o ensino médio.

Escolaridade	Ter existencial Aplic./ Total/ Percentual	Haver existencial Aplic./ Total/ Percentual
Ensino Fundamental	48 / 61 79%	13 / 61 21%
Ensino Médio	21 / 47 45%	26 / 47 55%

Tabela 3: Resultados da aplicação de *ter/haver existenciais* no fator escolaridade

Esses resultados nos permitem afirmar que são os alunos do ensino fundamental, ou seja, os alunos com menos anos de escolarização que tendem a usar mais a variante inovadora *ter existencial*, enquanto que os alunos do ensino médio apresentam um percentual maior de ocorrência da variante conservadora *haver existencial*.

Analisando, especificamente, a aplicação de *ter existencial*, obtivemos os índices de (.67) de ocorrências de estruturas existenciais para o fator ensino fundamental e (.28) para o ensino médio, conforme ilustramos com a tabela 4. Esses valores estatísticos confirmam nossa hipótese para essa variável de que são os alunos do ensino fundamental os que fazem maior uso da variante não padrão *ter existencial*.

Escolaridade	Aplic./Total	Percentual	Peso relativo
Ensino fundamental	48 / 61	79%	.67
Ensino médio	21 / 47	45%	.28

Tabela 4: Resultados da aplicação de *ter existencial* no fator escolaridade

Nossos resultados corroboram não só a tese de que quanto maior a escolaridade, maior o uso das formas consideradas de prestígio e quanto menor a escolaridade, menor o uso da forma padrão, como também com os trabalhos de Dutra (2000) e Silva (2004), que mostram que falantes menos escolarizados são os que mais aplicam a variante *ter existencial*, sendo possível afirmar que o acesso às regras gramaticais é determinante na escolha das variantes *ter* e *haver* com sentido de existir.

Vitório (2006), ao estudar o uso variável dos verbos *ter* e *haver existenciais* na língua escrita de alunos de 5ª e 6ª series do Ensino Fundamental da cidade de Maracanaú/CE, mostra não só um percentual de 89% de uso de *ter* contra apenas 11% de uso de *haver*, como também que tal variação é condicionada pelos fatores linguísticos tempo verbal, tema do texto e animacidade do SN objeto. A autora também mostra que as produções escritas

dos alunos da 5ª série do ensino fundamental apresentam um percentual de 91% de uso de *ter* e 9% de uso de *haver*, enquanto que as produções dos alunos da 6ª série do ensino fundamental apresentam um percentual de 88% de uso de *ter* e 12% de uso de *haver*.

Se compararmos os dados de Vitória (2006) com os resultados aqui obtidos, notamos não só que são os alunos do ensino fundamental, ou seja, os alunos com menos anos de escolarização, que tendem a usar mais a variante inovadora *ter existencial*, enquanto que os alunos do ensino médio apresentam um percentual maior de ocorrências da variante conservadora *haver existencial*, como também que o acesso às regras gramaticais é determinante na escolha das variantes *ter* e *haver* nos *corpora* analisados, conforme ilustramos com o gráfico 2:

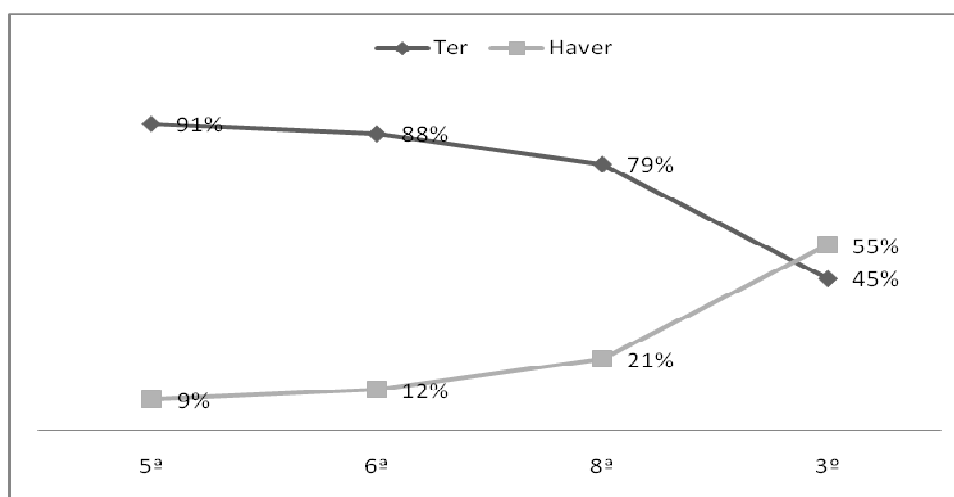


Gráfico 2: Percentuais de realizações dos verbos *ter* e *haver* existenciais

Essas pesquisas apontam que mesmo a língua escrita sendo um discurso mais monitorado e, por isso, mais favorável ao uso da norma padrão, ou seja, da variante conservadora *haver existencial*, é a variante inovadora *ter existencial* que aparece em maior escala nos textos dos alunos das 5ª, 6ª e 8ª séries do ensino fundamental, enquanto que nos textos dos alunos do 3º ano do ensino médio o percentual de *haver* é maior.

Na verdade, esses resultados mostram que, até certo ponto, há uma interferência da escola quanto ao uso de *haver*, pois à medida que o nível de escolarização aumenta, o uso de *haver existencial* tende a aumentar nos textos escritos. No entanto, são necessários muitos anos de escolarização para que o aluno use as regras prescritas pela escola.

Esses dados parecem indicar não só que as produções textuais dos alunos das séries iniciais refletem a gramática adquirida durante o processo de aquisição da linguagem, em que essas crianças ainda não foram afetadas de maneira significativa pela escola, como

também que há uma participação decisiva da escola no uso que se faz das variantes *ter* e *haver existenciais* na língua escrita, exercendo, portanto, um papel preponderante na recuperação e manutenção de *haver existencial*.

CONCLUSÃO

Este estudo teve como principal objetivo observar o uso variável dos verbos *ter* e *haver* com sentido de existir na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió. Através desta observação, percebemos que há variação entre os verbos analisados, sendo a variante inovadora *ter existencial* mais usada no *corpus* em estudo.

Constatamos também que essa variação é influenciada pelo fator linguístico tempo verbal e pelo fator extralinguístico nível de escolarização. Os contextos que mais favorecem ao uso da variante inovadora *ter* são tempo verbal no presente e ensino fundamental. Já os contextos que mais favorecem ao uso da variante conservadora *haver* são tempo passado e ensino médio, ressaltando que foram nos textos dos alunos do ensino médio que houve uma sobreposição no uso de *haver*, o que indica que há uma interferência da escola quanto ao uso de *haver*, pois a medida que o nível de escolarização aumenta, o uso de *haver existencial* tende a aumentar nos textos escritos.

Dessa forma, desejamos não só ter contribuído para esclarecer as restrições que se correlacionam ao processo de variação *ter/haver existenciais* no *corpus* estudado, como também esperamos que os resultados aqui expressos, aliados a outros, possam contribuir para os estudos na área sociolinguística e auxiliar as pesquisas relacionadas ao Português escrito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVELAR, Juanito. *Gramática, competição e padrões de variação: casos com ter/haver e de/em no português*. Disponível em: <http://www.geocities.com/qt_teor_da_gramatica/download/anpoll2005-juanito>. Acesso em: 19 dez. 2005.

_____. De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de *haver* no português brasileiro. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, vol. 41, n. 1, p. 49-74, 2006.

CALLOU, Dinah; AVELAR, Juanito. Sobre *ter* e *haver* em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. *Revista Gragoatá*, Niterói, n. 9, p. 85-100, 2000.

DUARTE, Maria E. O sujeito expletivo e as construções existenciais. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (orgs.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 123-131, 2003.

DUTRA, Cristiane. *Ter e haver na norma culta de Salvador*. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

FRANCHI, Carlos; NEGRÃO, Esmeralda; VIOTTI, Evani. Sobre a gramática das orações impessoais com ter/haver. *D.E.L.T.A.*, v. 14, n. especial, p. 105-131, 1998.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008[1972].

SAID ALI, Manuel. *Dificuldades da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

SAMPAIO, Maria L. *Estudo diacrônico dos verbos ter e haver: duas formas em concorrência*. Editora Copy Market, 1978.

SANTOS, Maria. *A variação da concordância verbo/sujeito na fala de alunos da 1ª a 5ª série do 1º grau, na cidade de Maceió*. 1999. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 1999.

SILVA, Rosângela. Variação ter/haver na fala pessoense. In: HORA, D. (org.). *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa: ILAPEC, p. 219-234, 2004.

VITORIO, Elyne. *Ter/haver existenciais na escrita de alunos de 5ª e 6ª séries do ensino fundamental da cidade de Maracanáu/CE*. 2006. Monografia (Especialização em Linguística e Ensino do Português) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

_____. Aquisição e variação dos verbos ter e haver existenciais no PB. *Veredas on line*, Juiz de Fora, Atemática 1/2010, p. 53-63, 2010.

VOTRE, Sebastião. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M.; BRAGA, M. (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

Recebido em 26 de março de 2010.

Aceito em 20 de junho de 2010.